

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM *THE RESIDENCE*

THE RESIDENCE. DIREÇÃO: LIZA JOHNSON. ESTADOS UNIDOS: SHONDALAND: NETFLIX, 2025. SÉRIE DE TELEVISÃO (DURAÇÃO APROXIMADA DE 480 MINUTOS), SONORO, LEGENDA, COLOR., FORMATO DIGITAL.

Sabrina Barbalho

Criada por Paul William Davies e produzida pela Shondaland, a série de mistério e comédia *The Residence* foi lançada na Netflix no dia 20 de março de 2025 em todos os países com acesso à plataforma. Inspirada no livro *The Residence: Inside the Private World of the White House* (2015), da jornalista americana Kate Andersen Brower – renomada autora de diversos livros sobre a Casa Branca e os presidentes americanos –, a obra se desenrola na Casa Branca durante um jantar de Estado com o primeiro-ministro australiano. Durante o evento, o chefe de operações da residência oficial, A.B. Wynter, é encontrado morto. A detetive excêntrica Cordelia Cupp é chamada para investigar o assassinato. Ao longo de oito episódios, Cordelia explora os corredores da Casa Branca, interrogando 157 funcionários e todos os convidados do jantar.

Cordelia, a protagonista de *The Residence*, é uma mulher preta, não convencionalmente atraente, confiante e independente. A detetive não precisa da validação masculina nem espera instruções – ela conduz a investigação e detém o conhecimento na série. O chefe de operações da Casa Branca, A. B. Wynter, também é um homem preto, altamente profissional, metódico e confiável. Ele comanda os 157 funcionários da residência oficial, mantendo a ordem e a eficiência nos bastidores do poder. O presidente dos Estados Unidos, Perry Morgan, é um homem abertamente gay, casado com Elliot Morgan, rompendo com a imagem tradicional do que seria ou deveria ser o líder norte-americano. Entre os numerosos e variados trabalhadores da residência, encontram-se personagens que, em outras produções, seriam meros coadjuvantes invisíveis – o garçom discreto, a camareira sem fala, o segurança no

fundo da cena. Nesse caso, entretanto, cada um tem identidade e agência. Há imigrantes que sustentam a estrutura e o funcionamento da residência presidencial, trabalhadores que carregam consigo histórias de luta e resistência. Repleta de personagens que desafiam estereótipos historicamente impostos a raças, origens e ocupações, *The Residence* quebra com velhas fórmulas na mídia, e oferece protagonismo a quem, na maioria das vezes, foi mantido à margem.

Segundo o jornalista Marcos Alexandre em seu artigo *O papel da mídia na difusão das representações sociais* (2001), as representações sociais – imagens, ideias e estereótipos que circulam a sociedade – influenciam diretamente na maneira como os indivíduos enxergam os outros e a si mesmos (ALEXANDRE, 2001, p. 116). No campo da mídia, personagens e narrativas não são apenas entretenimento; eles influenciam diretamente nas referências culturais, cristalizando ou desafiando estereótipos. A constante aparição de médicos como homens brancos nos filmes, séries e novelas, por exemplo, cria uma espécie de molde social que define quem pode ocupar certos espaços. Nesse caso, quem pode ser médico é o homem branco, não a mulher ou a pessoa preta. Esse tipo de imagem não só altera a maneira como as mulheres e as pessoas pretas percebem-se, mas também cria ou acentua preconceitos contra profissionais da medicina que não se enquadram no molde social perfeito.

A sociedade é bombardeada diariamente com imagens e discursos que tentam criar, modificar ou fixar atitudes e opiniões (ALEXANDRE, 2001, p. 113). Essas figuras afetam diretamente a autoimagem de grupos marginalizados, já que sua representação ou sua ausência na mídia podem, respectivamente, abrir novos caminhos de reconhecimento e de pertencimento, ou reforçar exclusões. Em *The Residence* são colocados no centro da trama personagens que historicamente foram invisibilizados ou estereotipados – uma protagonista preta, intelectual e independente, um chefe de operações preto altamente respeitado e um presidente abertamente gay – isso não apenas diversifica a narrativa, mas reconfigura a estrutura de identificação disponível ao público que assiste.

Nesse sentido, cabe questionar: quem normalmente define essas representações e quais interesses elas servem? Durante muito tempo, as narrativas produzidas pela mídia repetiram os mesmos padrões sobre quem

detinha poder, quem era considerado belo e quem merecia protagonismo, privilegiando um perfil limitado e excludente. De acordo com as pesquisadoras Jimmeka Anderson e Dennen S. Dixon-Payne em seu texto *Representation in Imagery and Language*, presente no livro *Media Literacy, Equity, and Justice* (2023), essa configuração não se deu ao acaso: historicamente, a mídia foi regulada predominantemente por homens brancos, que buscaram impor uma visão específica da sociedade – visão que os favorece moralmente, culturalmente e etnicamente –, consolidando hierarquias e estereótipos. Nessa perspectiva, *The Residence* foi criada pelo americano Paul William Davies, e realizada pela produtora de televisão americana Shondaland, historicamente focada na representação preta, criada por Shonda Rhimes. O roteirista realizou apenas duas produções até o momento e trabalha com a produtora desde a série *For the People* (2018-2019). A junção do trabalho de Davies, um homem branco, e da produtora de Rhimes, uma mulher preta, para criar *The Residence*, demonstra uma possível mudança no campo de representações sociais na mídia, indicando um futuro mais promissor nesse sentido. (Anderson; Dixon-Payne, 2023, p. 49).

A teoria da representação das minorias raciais na mídia, formulada por Cedric Clark (1969), e discutida no texto das estudiosas, descreve como grupos marginalizados são, primeiro, invisibilizados, depois ridicularizados e, por fim, permitidos na narrativa apenas sob rígidas condições, ocupando papéis secundários e estereotipados (Anderson; Dixon-Payne, 2023, p. 48-49). Isso é evidente quando nota-se que, por décadas, personagens pretos foram limitados a papéis de criminosos, golpistas ou serviciais, reforçando vieses negativos e a percepção de ameaça social. De maneira similar, mulheres foram constantemente hipersexualizadas ou reduzidas a arquétipos emotivos ou de fragilidade, enquanto personagens LGBTQIA+ foram frequentemente invisibilizados ou retratados de maneira cômica, sem complexidade ou profundidade.

Felizmente identifica-se, nos últimos anos, um crescimento de produções que subvertem essa tradição, à exemplo do filme *Moonlight* (2016) e as séries *Pose* (2018-2021), *Atlanta* (2016-2022), e *Reservation Dogs* (2021-2023). Produções como essas e como *The Residence* mostram que há espaço para

novas construções simbólicas e, além disso, que essas mudanças de percepção importam.

A quebra da série em questão com a tradição de representação de grupos sociais marginalizados inicia-se em sua própria *raison d'être*. *The Residence* é inspirado, como já dito anteriormente, no poderoso trabalho jornalístico de Kate Brower, onde o foco volta-se para os próprios funcionários da Casa Branca. Brower nos apresenta, por meio de diversas entrevistas, aqueles que, por detrás das câmeras, sustentam o funcionamento da residência oficial: camareiras, mordomos, cozinheiros, jardineiros e eletricistas. A série mantém esse viés e desloca a atenção da figura do presidente e dos ministros, propondo uma inversão da lógica tradicional das representações sociais e trazendo à tona quem realmente mantém de pé as estruturas de poder.

Em relação à figura feminina, a mídia constantemente apresenta histórias em que mulheres, apesar de inicialmente independentes, acabam cedendo à influência masculina ou precisando da intervenção de um homem. Essa quebra de personagem, na maioria das vezes, não faz sentido em relação ao desenvolvimento do papel, e ainda reforça velhos paradigmas. Exemplos disso incluem *O Diabo Veste Prada* (2006), onde Andy Sachs constrói sua trajetória profissional por mérito próprio, mas, no desfecho, a moral da história é deslocada para a fala de seu namorado Nate, que critica seu envolvimento no mundo da moda e sugere que ela precisa repensar os sacrifícios que faz pela profissão. O mesmo ocorre em *Westworld* (2016-2022), onde Dolores luta por independência e liberação, mas sua jornada está profundamente entrelaçada com as ações e influências de Bernard, Teddy e Caleb. O cinema e a TV frequentemente constroem mulheres fortes, mas ainda dentro de uma perspectiva que exige uma figura masculina como guia, protetor ou catalisador de sua evolução. Ainda, as típicas personagens femininas costumam enquadrar-se em um ideal de beleza masculino, frequentemente idealizado e irreal. De maneira confusa, a mulher forte parece quase sempre se vestir para o olhar do homem. Por último, uma ideia de rivalidade feminina também se configura presente nas representações midiáticas. Ou seja, a mídia bombardeia imagens de mulheres “independentes”

que respondem diretamente ao desejo masculino, que rivalizam entre si e que, no fim das contas, ainda precisam dos homens em suas vidas.

Em *The Residence*, Cordelia Cupp é o oposto desse arquétipo: é uma mulher preta, intelectual e verdadeiramente independente. A detetive fala exatamente o que pensa e quando questionada pelos personagens masculinos não recua, mas continuamente demonstra sua inteligência incomparável. Já Lily Schumacher subverte a visão da mulher como frágil e emotiva: a personagem realiza uma ação quase perfeita e demonstra a existência de outras características do feminino: a premeditação, a frieza, e o assertivo. A série, nesse sentido, desconstrói, e evidencia que força e complexidade não pertencem exclusivamente ao masculino, mas integram, também, de maneira natural, as diversas formas do feminino.

Sobre a figura do homem preto, a mídia tradicionalmente o restringiu a papéis estereotipados e limitantes (Anderson; Dixon-Payne, 2023, p. 50). Repetidamente, ele apareceu como personagem a serviço da narrativa de outros: o alívio cômico, o coadjuvante leal, o criminoso ou o atleta talentoso. Nesse último caso, sua trajetória é vinculada à superação de adversidades extremas, como se a excelência da pessoa preta fosse sempre uma exceção e não uma possibilidade real e natural. Esse tipo de representação reducionista perpetua a ideia de que o homem preto está sempre à margem da história ou então que precisa justificar sua presença em espaços de poder e prestígio. Em *The Residence*, a lógica é novamente subvertida: A. B. Wynter, chefe de operações da Casa Branca, é um homem preto que comanda a residência presidencial com profissionalismo inquestionável, eficiência rigorosa e autoridade inabalável, sendo a causa da trama principal. Sua presença está longe de ser um detalhe ou uma ferramenta narrativa para engrandecer outros personagens - ele é uma peça central no funcionamento da casa mais poderosa nos Estados Unidos. Além de A.B, outro personagem relevante é Larry Dokes, chefe de polícia do Departamento de Washington. Larry, além de preto em um cargo de grande importância, também representa a confiança que o homem pode ter na figura feminina: é Larry quem chama Cordelia Cupp para a investigação. Ele não apenas confia em Cordelia

como reconhece sua inteligência e profissionalismo sem que isso diminua seu próprio valor.

A série reconhece a importância da representação social de grupos historicamente marginalizados, representação essa que não só abre possibilidades para aqueles que se sentem representados mas para aqueles que, não fazendo parte do grupo em questão, possam desconstruir preconceitos há muito perpetuados pela tradição na mídia. Em *The Residence* assistimos a ideia do homem preto como secundário ou submisso ser alterada para devidamente reafirmar a presença deste como respeitado, intelectual e protagonista, sem que precise constantemente provar seu valor para ser reconhecido.

Por último, se faz necessário discutir a representação do homem gay. Assim como o feminino e o homem preto foram historicamente limitados a representações superficiais e degradantes, o mesmo acontece com o homem gay. Frequentemente tendo sua complexidade reduzida ao amigo engraçado ou extravagante, ou o acessório narrativo na jornada de personagens heterossexuais, especialmente mulheres, este arquétipo foi desprovido de profundidade e protagonismo próprio. Raramente nos deparamos na mídia com o homem gay advogado, empresário, já que a ideia passada é a de que ele não se enquadra nesses espaços. Nos últimos anos, entretanto, as representações desse grupo vêm se alterando e cada vez mais o homem gay é representado como múltiplo e complexo. *The Residence* é um exemplo disso: na série, o homem mais importante e respeitado dos Estados Unidos é um homem abertamente gay. Perry Morgan é presidente do país e vive junto ao seu marido na residência oficial. O mais interessante é a maneira pela qual essa representação é feita: a obra não só coloca no topo da hierarquia um homem gay como faz isso naturalmente, não deixando espaço para questionamento ou dúvida sobre a legitimidade desse personagem.

Ainda seria possível destacar outros papéis e relações entre personagens que quebram com paradigmas tradicionais no cinema, mas as representações discutidas se configuraram, para os recortes desta resenha, como as mais relevantes. Mesmo existindo possíveis críticas, como a representação da camareira latina – cuja presença é marcada pela falta de autonomia e cuja história

é pouco explorada –, ou a facilidade com que Lily Schumacher é manipulada pelo seu guia, o objetivo foi analisar de maneira crítica o que a série apresenta e proporciona ao público experienciar, reconhecendo tanto seus méritos quanto suas ausências. Nesse sentido, é importante relembrar o papel das representações sociais na formação de imaginários e identidades, e o quanto elas podem perpetuar e legitimar preconceitos ou desconstruí-los. Embora *The Residence* e muitas outras produções recentes buscam subverter, este é só o primeiro passo. É igualmente preciso educar para a análise crítica do mundo midiático – demonstrando que o que se vê é parcial, criado e pensado por sujeitos específicos, geralmente com o intuito de manter hierarquias, desigualdades e preconceitos - ou, ainda, de mudá-los como a série analisada.

Referências

ANDERSON, Jimmeka; DIXON-PAYNE, Deneen. **Representation in Imagery and Language.** In: ABREU, Belinha S (ed.). De. *Media Literacy, Equity, and Justice*. New York: Routledge, 2023. pp. 47-56.

ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão das representações sociais.** *Comum*, v. 6, n. 17, pp. 111-125, jul./dez. 2001.

THE RESIDENCE. Direção: Liza Johnson. Estados Unidos: Shondaland: Netflix, 2025. Série de televisão (duração aproximada de 480 minutos), sonoro, legenda, color., formato digital.